

Exploração das areias pesadas de Moma: nem impostos, nem desenvolvimento económico e social local

- Uma análise aos projectos de investimento comunitário e de responsabilidade social da Kenmare em Moma

Por: Borges Nhamire

A exploração das areias pesadas de Moma, iniciada há sete anos, não está a gerar, para o Estado, as receitas fiscais que se supunha que fossem geradas por um empreendimento daquela dimensão. O Centro de Integridade Pública (CIP) realizou um estudo de caso sobre as receitas fiscais geradas pela exploração das areias pesadas de Moma pela Kenmare, o qual conclui que “por cada dólar que a Kenmare ganhou exportando minerais de Moçambique entre 2008 e 2011, Moçambique recebeu apenas um cêntimo de pagamento de impostos”. Assim, neste período, as receitas da companhia irlandesa totalizaram 326,7 milhões de dólares, enquanto os impostos pagos ao Estado somaram apenas 3,5 milhões de dólares. Reagindo a este estudo, a Kenmare assumiu que, efectivamente, não paga significativos tributos, como consequência das várias isenções fiscais de que goza, mas alegou que o CIP estava a ignorar “o desenvolvimento económico e social” gerado na comunidade em resultado da exploração das areias pesadas.

Este texto é resultado de trabalho de campo realizado pelo CIP nas comunidades à volta do empreendimento da Kenmare em Topuito. Apresenta dados, depoimentos, imagens do terreno para discutir até que ponto a exploração das areias pesadas gerou benefícios sociais e económicos significativos para as comunidades locais.

Os benefícios sociais e económicos para as comunidades, resultantes da indústria extractiva, são vistas em diferentes perspectivas, mas é consensual que devem incluir sempre a criação de **infra-estruturas económicas partilhadas com as comunidades** (estradas, linhas férreas, portos, linha de fornecimento

de energia eléctrica); **investimentos sociais para as comunidades** (escolas, hospitais) e **conteúdo local** (formação, emprego e consumo de produtos e serviços locais).

É, portanto, sobre estes elementos que esta análise dos benefícios sociais e económicos reclamados pela Kenmare em Moma se desenvolve.

A realidade apurada no trabalho de campo é confrontada com os relatórios oficiais da Kenmare, nos capítulos da sua responsabilidade social para com as comunidades e com o principal contrato assinado entre a Kenmare Moma Mining e o Governo, através do Ministério dos Recursos

Minerais e Energia, para a prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de minerais nas areias pesadas de Moma, Congolone e Quinga.

Infra-estruturas partilhadas

A indústria extractiva precisa sempre de grandes infra-estruturas para desenvolver as suas actividades. São, normalmente, infra-estruturas eléctricas para fornecer energia aos projectos mineiros e infra-estruturas de transporte, tais como: linhas férreas, ruas, estradas e portos, para escoamento de produção e circulação de trabalhadores e de maquinarias.

Estas infra-estruturas, quando não existentes, são construídas pela companhia mineira e partilhadas com outros utentes. Os outros utentes podem, por um lado, ser outras companhias mineiras que operam na região. Por outro lado, podem ser as comunidades locais ao redor do projecto

Este é o caso da linha férrea em construção no Corredor Logístico Integrado do Norte (CLN), pela mineradora Vale Moçambique, que servirá igualmente para transportar passageiros e carga, fora do escoamento de carvão de Tete para o porto de Nacala-a-Velha.

Sete anos à espera de estrada

O contrato assinado entre a Kenmare e Governo estabelece, no âmbito de infra-estruturas, que a empresa mobilize financiamento para a construção da linha eléctrica para o fornecimento de energia nas suas instalações. Igualmente, prevê que a empresa mobilize fundos para a construção de uma estrada que ligue a estrada principal ao seu empreendimento.



Rua que liga Topuito à estrada principal é de areia e só é transitável por viaturas com tracção a quatro rodas.

“O Contratado compromete-se a envidar esforços razoáveis para facilitar a construção e apoiar a captação de financiamento necessário para a construção e estabelecimento da linha de transmissão de energia eléctrica a partir do ponto mais apropriado de conexão com a linha central de energia mais perto da área mineira, mas não terá obrigação, quer ele próprio quer através dos seus afiliados, de fornecer, obter ou garantir tal financiamento” – **artigo 10.1 do Contrato.**

O artigo 10.2, nos mesmos termos do artigo anterior, refere que a Kenmare deve mobilizar fundos para construção de uma estrada para as suas operações mineiras. Estas infra-estruturas referidas no contrato são partilhadas com as comunidades locais ao redor do empreendimento mineiro e demais utentes.



Kenmare ainda não cumpriu com a obrigação contratual de construir estrada que dá acesso ao seu empreendimento mineiro.

A estrada que está prevista no contrato ainda não foi construída desde a instalação da empresa em 2007. De Nampula para Pilivili, cruzamento para Topuito onde se localiza o empreendimento da Kenmare, usa-se estrada de terra batida, construída e mantida pelo Fundo Nacional de Estradas. Quando se deixa a estrada que vai a Pilivili, toma-se a direcção para Topuito, a terra batida termina. Segue uma rua de areia, conforme mostram as imagens. Só uma viatura com tracção à quatro rodas se pode transitar nesta via. Nas épocas chuvosas quase que não se circula.

A Kenmare não construiu a estrada porque não precisa. Neste momento as operações da empresa decorrem muito próximo do acampamento da empresa. As deslocações para Nampula, Maputo ou outras regiões são feitas por ligações aéreas através de avionetas. Os poucos trabalhadores que se deslocam de viatura para Nampula são os moçambicanos e têm viaturas com tracção a quatro rodas para circular em todo o terreno.

Energia eléctrica só para alguns

Até ao presente momento a Kenmare só financiou a construção da linha de transmissão da corrente eléctrica, com extensão de cerca de 170 quilómetros, média tensão, 110 kV, partindo da cidade de Nampula. Esta é partilhada com alguns membros da comunidade, mas meramente os reassentados pela empresa, o Centro de Saúde de Topuito construído pela empresa e um número muito limitado da população local.

A maioria da população das comunidades circunvizinhas do empreendimento mineiro da Kenmare não tem acesso à energia porque sequer tem casas em condições de receber instalação eléctrica, conforme documentam as imagens.

Num documento enviado ao CIP, a Kenmare refere que a linha de energia que construiu para a mina beneficia a cerca de 70 mil pessoas em Moma, só que não diz que grande parte dos beneficiários da linha são os reassentados pela própria empresa.

O CIP visitou, em Moma, duas escolas construídas pela Kenmare, a EPC de Thipane, que foi reassentada pela Kenmare dado que estava localizada no traçado



Maioria das casas de Topuito e arredores não tem energia e nem reúne condições para ter instalação eléctrica.

da linha de energia eléctrica ea Escola Secundária de Topuito, também construída pela empresa como “oferta para a comunidade”. Estas duas escolas não têm energia eléctrica, apesar de terem sido construídas pela Kenmare.

Porto só para a exportação de minérios

Na zona onde hoje funciona o porto através do qual a Kenmare embarca os minérios produzidos em Moma para exportação, era local de acesso da comunidade para o mar, segundo contam os residentes. Era a zona de entrada e saída de pescadores. A Kenmare ocupou a região e instalou o seu porto.

Assim, a comunidade tem de percorrer grandes distâncias para encontrar um local de entrada e de saída de barcos de pesca. A infra-estrutura portuária construída para as exportações da Kenmare não foi adaptada para permitir o multiuso, partilhando-a com as comunidades.



Na entrada às comunidades de circunvizinhas ao empreendimento mineiro da Kenmare, os cidadãos são exigidos documentação e informação detalhada sobre o motivo da visita. Só assim é aberta a cancela.

As infra-estruturas portuárias são típicas de infra-estruturas partilhadas entre as empresas de indústria extractiva e demais utilizadores, gerando externalidades positivas para a economia local.

Conteúdo local

Os contratos do sector extractivo, geralmente, incluem previsões sobre o uso de conteúdo local pelas companhias mineiras no sentido de permitir a maximização das oportunidades económicas resultantes dos investimentos mineiros. Isto permite

que os benefícios da mineração atinjam, também, a população local, permitindo, assim, o crescimento equilibrado e sustentável das actividades mineiras e de outros sectores da economia.

Quando bem aplicadas, as políticas de conteúdo local criam capacidades técnicas e oportunidades económicas para as comunidades. As mais comuns oportunidades criadas pelas mineradoras no âmbito de conteúdo local são a formação de quadros locais que, depois, podem servir às próprias companhias, gerando oportunidade de emprego; a criação de pequenas e médias empresas para o fornecimento de bens e serviços necessários para a empresa, tais como o transporte de pessoal, os serviços de *Catering*, restauração e alojamento.

Do ponto de vista de emprego, segundo o Quarto Relatório Nacional de Reconciliação de Pagamentos da Iniciativa de Transparência da Indústria Extractiva (EITI), a empresa declara que possui 1.630 trabalhadores. Porém, não refere quantos são moçambicanos e dos moçambicanos, quantos são locais (da comunidade hospedeira e comunidades circunvizinhas)

Não há formação da mão-de-obra local, não há emprego para a população local

O contrato assinado entre o Governo e a Kenmare Moma Mining Lda prevê a questão do conteúdo local, no artigo 11. Na alínea 11.1 o contrato refere que a Kenmare “... deve empregar pessoal na medida máxima praticável...”. A alínea seguinte estabelece que a Kenmare “deve elaborar e realizar um plano efectivo de formação e emprego para os seus trabalhadores moçambicanos em cada fase e nível, quer sobre aspectos operacionais ou de gestão de operações de minerais pesados... ”.

Um plano de emprego provisório anexo ao contrato entre a Kenmare e o Governo indica que a partir do terceiro ano da actividade da empresa, o que coincide com o ano de 2010, a Kenmare teria números mínimos de 414 moçambicanos e 11 estrangeiros. Estes números são os mínimos admissíveis, pelo que podem ser excedidos, de acordo com as necessidades da empresa. Mas a partir deles é possível tirar algumas ilações.

Os números fixados no Plano de Emprego mostram uma representação percentual de 97,4% de trabalhadores moçambicanos e 2,6% de trabalhadores estrangeiros.

Ora, dados divulgados pela própria Kenmare referentes ao terceiro trimestre de 2013 indicam que a empresa tinha 1 619 trabalhadores, dos quais 1 442 são moçambicanos e os restantes estrangeiros. Olhando para a representação percentual entre os trabalhadores nacionais e estrangeiros, nota-se que houve grande alteração da base estabelecida no Plano de Emprego anexo ao contrato. Os trabalhadores moçambicanos representam 89%, contra os 97% que estavam previstos no Plano de Emprego e o número de trabalhadores estrangeiros é equivalente a 11%, muito acima do acordado.

Estes números oficiais denunciam que, afinal, a empresa irlandesa não está a fazer o bastante para manter níveis elevados de trabalhadores moçambicanos na empresa.



“Não temos energia, não temos emprego, não temos certeza de até quando vamos permanecer nesta casa porque a terra já foi vendida para a Kenmare” – Teresa Paulo, residente de Topuito.

A esta situação acresce-se, ainda, o facto de poucos destes trabalhadores moçambicanos da Kenmare serem de Moma ou de Nampula, onde se localiza a empresa. O princípio de emprego de conteúdo local na indústria extractiva visa, necessariamente, criar efeitos multiplicadores dos investimentos mineiros na comunidade. Ao empregar a mão-de-obra local permite-se que as comunidades locais possam ter condições económicas para garantir melhores condições de vida, melhor educação dos filhos, criar pequenos negócios e multiplicar os seus rendimentos pela comunidade.

O que sucede, porém, em Moma, é que os trabalhadores moçambicanos são, quase todos, provenientes de outras regiões do país. Geralmente, arrendam casas que foram construídas para os reassentados. Os seus rendimentos são quase todos transferidos para as suas zonas de origem, não deixando quase nada na comunidade local.

Uma solução para este problema é a formação de mão-de-obra efectivamente local que depois seria empregada na empresa. Esta formação quase não existe, desde que a empresa iniciou operações em 2007 e passam agora 7 anos, conforme reconhece a própria empresa no seu relatório anual de 2013.

“O plano estratégico 2013-2015 da KMAD previa a construção de 1 escola secundária e 1 centro de formação profissional, tendo a escola secundária sido identificada como a prioridade. No entanto, numa discussão mais aprofundada com as autoridades da educação, tornou-se claro que a sua prioridade era a construção do Centro de Formação Profissional. Um memorando de entendimento com o Departamento de Educação para a construção do centro está actualmente em discussão. Os cursos a serem ministrados centrar-se-ão no fornecimento de trabalhadores qualificados para a mina. Prevê-se que a construção do centro seja feita em 3 fases, com uma 1ª fase a ser iniciada no segundo semestre de 2014” – Relatório Anual da Kenmare – 2013, p. 13 (versão resumida)

Quando a equipa de investigadores do CIP escalou Moma, em Junho de 2014, para o trabalho de

campo sobre os benefícios sociais e económicos da exploração das areias pesadas de Moma, ainda não havia planos concretos sobre a construção da anunciada escola técnica. Nos planos do sector da Educação para 2014 nada está inscrito sobre a construção da escola técnica.

Ao fim de sete anos, a Kenmare, para além de não pagar impostos que um empreendimento daquela dimensão devia gerar ao Estado, ainda não conseguiu criar condições para formar quadros locais para trabalharem nas operações da empresa e, assim, beneficiar as comunidades locais com o investimento mineiro.

Nota-se que há pouco cometimento da empresa com a responsabilidade de formação profissional da população local que virá a servir à empresa. Há uma clara inobservância do princípio de conteúdo local na componente de formação e emprego de mão-de-obra local, conforme fora acordado com o Governo.

Criação de oportunidades de negócios para as comunidades locais

Ainda no âmbito do uso do conteúdo local, a Kenmare tem estado a incentivar a criação de uma série de oportunidades de negócios para as comunidades locais. Os negócios incluem a produção de hortícolas, ovos, sal, pão, venda de roupa usada, fabrico de latrinas, tijolos, fornecimento de sementes, entre outros.

Nos relatórios da empresa a que o CIP teve acesso não está disponível o valor investido pela empresa para apoiar estes negócios. O CIP solicitou esta informação e ainda não a recebeu.

Entretanto, como se pode verificar no quadro abaixo publicado no resumo do relatório anual da Kenmare referente ao ano 2013, todos os negócios apoiados pela empresa atingem, directamente, 155 pessoas e, em 2013, geraram lucros de 43.500 dólares americanos. Dividindo este rendimento pelo número de beneficiários directos conclui-se que cada beneficiário dos projectos da Kenmare teve um rendimento de 280 dólares por ano, o equivalente a 23 dólares por mês.

Para além do pouco impacto que os negócios criados pela Kenmare geram nas comunidades, há ainda

a considerar a fraca capacidade da empresa em responder às solicitações de financiamentos dos projectos das comunidades. Em 2013, a Associação de Desenvolvimento da Kenmare-Moma (KMAD) recebeu 75 propostas de negócios a partir da comunidade e só aceitou financiar sete (7), designadamente dois (2) grupos que fornecem sementes nativas ao departamento de reabilitação da mina; dois (2) talhos; um (1) negócio de construção de latrinas; uma (1) peixaria e (1) um fabricante de tijolos¹.

É verdade que a empresa não pode satisfazer a demanda de toda uma comunidade carente e com níveis de desemprego muito elevados, mas a amostra de 2013 revela que a resposta da Kenmare às solicitações da comunidade não foi para além de 9%.

Comprar da comunidade para aumentar o volume de negócios

Uma das soluções para aumentar o volume de negócios na comunidade é incentivar negócios na comunidade que abasteçam a empresa. Algumas áreas de negócios viáveis que a Kenmare poderia incentivar são o serviço de Catering, a pecuária, e a hotelaria, para o próprio consumo da empresa.

Estes negócios teriam garantia de mercado que seria a própria Kenmare, tal como sucede com o pequeno negócio da costura de sacos de amostras e da produção de hortícolas. Ora, os serviços de Catering da Kernmare são garantidos por uma empresa com sede em Maputo, denominada SS Serviços Limitada, que tem como um dos accionistas um funcionário

Tabela 1. Projectos de negócios financiados pela Kenmare Moma (extraído do Relatório Anual de 2013)

Descrição do projecto	Comunidades envolvidas	Nº de participantes	Receita bruta \$	Lucro em USD
Projectos existentes				
Horticultura	Nathuco, Nathaca, Mpago	57	42.000	13.700
Produção de ovos	Mtiticoma, Thipane	5	16.300	3.900
Costura – sacos de amostra	Mtiticoma, Thipane, Cabula	18	73.200	15.500
Hortofrutícola (loja)	Thipane, Cabula, Nathuco, Mulimune	20	6.800	2.100
Sobressalentes de bicicleta (loja)	Nathaca	5	3.400	500
Centro multimédia	Topuito	1	1.200	400
Loja de roupas em 2ª mão	Nathuco	3	1.200	400
Padaria	Naholoco	5	2.000	200
Avicultura	Naholoco	2	5.600	2,600
Produção de sal	Mulimune	2	100	-
Projectos iniciados em 2013				
Talho	Mtiticoma	4	900	-
Casa de hóspedes	Mtiticoma	2	-	-
Fabrico de latrinas	Topuito	6	-	-
Fornecedores de sementes	Nathuco, Mulimune	16	8.100	3,700
Fabrico de tijolos	Nathaca	5	-	-
Utensílios domésticos	Nathaca	4	1.300	500
Total		155	162.100	43.500

Fonte: Relatório Anual da Kenmare, 2013, p.10

1 Informação extraída do Relatório Anual da Kenmare de 2013

sénior da Direcção Provincial da Agricultura de Gaza.

Os funcionários estrangeiros da empresa estão alojados no acampamento construído pela própria empresa Kenmare. Os trabalhadores moçambicanos têm-se alojado em casas que arrendam nas comunidades, geralmente casas construídas para reassentar as famílias retiradas das suas terras para dar lugar à exploração dos recursos.

Investimentos sociais: reassentamento sem qualidade, escolas sem carteiras e avanços nos serviços de saúde

No âmbito dos investimentos sociais criados pela Kenmare em Moma, através da KMAD, analisamos a Educação, a Saúde e o Reassentamento.

A equipa do CIP visitou duas escolas construídas pela Kenmare em Moma. A Escola Secundária de Topuito, uma “oferta da Kenmare para a comunidade” e a Escola Primária Completa de Thipane, uma infra-estrutura construída para reassentar a escola do mesmo nome que foi destruída, pois estava localizada debaixo do traçado da linha de corrente eléctrica de média tensão construída pela empresa para alimentar os seus empreendimentos mineiros.



Kenmare prometeu fornecer carteiras para os alunos mas não tem cumprido” – professor da EPC de Thipane, reassentada pela Kenmare.



Kenmare construiu escola mas não fornece carteiras. Alunos estudam assim na Escola Secundária de Topuito, construída pela multinacional irlandesa

Nas duas escolas, a equipa do CIP teve acesso às salas de aulas, entrevistou professores e alunos. A visita decorreu no mês de Junho, no decurso das aulas. Como documentam as imagens, os alunos das duas escolas construídas pela multinacional, estudam sentados no chão. A Kenmare não se dignou a prover carteiras para os alunos das escolas que ela própria construiu, o que significa que o seu investimento não está completo, pois o mobiliário escolar deve estar incluso no projecto de construção de salas de aula.

Professores entrevistados na EPC de Thipane referiram que a Kenmare comprometeu-se a fornecer carteiras escolares para os alunos, mas ainda não cumpre com a sua promessa.

Sinais positivos no sector da saúde

Na comunidade de Topuito, à entrada da zona do acampamento da Kenmare localiza-se o Centro de Saúde, construído pela Kenmare a meio de grande pressão das organizações da sociedade civil de defesa dos direitos das comunidades que trabalham em Moma.

Trata-se de uma unidade sanitária com 1 bloco ambulatorio e maternidade, 2 casas para o pessoal e equipamento fornecido pela Kenmare, para além de uma ambulância. Segundo o relatório da Kenmare de 2013, a que o CIP teve acesso, o Governo destacou 2 funcionários, 1 técnico e 1 enfermeiro, e contratou 3 assistentes de saúde. Os salários destes funcionários serão pagos pela KMAD durante um período de



No Centro de Saúde construído pela Kenmare, doentes esperam pelo atendimento médico sentados e deitados no chão. Não há sala de espera suficiente para todos.

3 anos, até que os técnicos sejam integrados no quadro do Sistema Nacional de Saúde.

O centro de saúde construído pela Kenmare é um grande avanço no apoio às comunidades à volta da mina.

Para além desta unidade sanitária, a Kenmare tem estado a realizar consultas ambulatoriais através de um programa denominado Equipa Móvel (“MCT”) da Missão Betesda, que efectua visitas quinzenais à localidade de Topuito.

Dados da empresa indicam que, em 2013, a equipa de consultas ambulatoriais “fez 23 visitas de consulta geral e 15 visitas de consulta odontológica, tendo sido atendidos um total de 3.348 e 812 pacientes, respectivamente. Um total de 39 pacientes foram evacuados, 9 para Moma e 30 para Nampula, pela aeronave da Mission Aviation Fellowship (MAF)”.

Entretanto, apesar dos avanços relatados pela Kenmare, quando a equipa de pesquisadores do CIP visitou o Centro de Saúde de Topuito encontrou dezenas de utentes à espera de ser atendidos. A unidade sanitária é tão pequena que não possui espaço suficiente para acomodar os utentes. Muitos pacientes esperavam pelo atendimento deitados no chão, incluindo mulheres grávidas e mais com bebés de colo.

Casas de reassentamento sem qualidade

As casas construídas pela Kenmare para reassentar as comunidades retiradas das suas terras para dar lugar à exploração dos minérios extraídos das areias

pesadas são de padrão de qualidade muito baixo. Não possuem estrutura segura, são muito pequenas e a sua cobertura de chapas de zinco já começou a ceder devido à ventania.

Para assegurar as chapas de zinco as famílias têm de colocar blocos de cimento ou troncos de árvores sobre as casas, conforme documentam as imagens. Estas construções não têm mais de 10 anos.

As casas de banho se parecem mais com capoeiras do que lugar que permita a realização de necessidades humanas. O CIP ouviu a população reassentada que, para além das deficiências das casas, reclamou a falta de espaço suficiente no terreno disponibilizado para cada família, o que não permite a construção de mais casas para os filhos.

É o velho problema de uma família rural a que é usurpado o seu grande terreno que dava para erguer muitas casas (com material local) mas independentes umas das outras. Em troca é-lhe dada uma casa pequena onde pais, filhos, filhas, noras e netos partilham o mesmo espaço exíguo.

As imagens documentam o estado das casas construídas pela empresa multinacional para as comunidades reassentadas para dar lugar à exploração das areias pesadas.

Entretanto, a Kenmare orgulha-se e publicita que os seus programas de responsabilidade social “ganham prêmios na Irlanda e na África e são reconhecidos como contribuindo positivamente para a vida das comunidades com as quais opera”.



As casas construídas para reassentar as famílias, para além de pequenas, são de construção precária. A cobertura de chapas de zinco começou a ceder. É preciso colocar blocos de cimento para segurar as chapas.

CIP

Boa Governação, Transparência e Integridade

FICHA TÉCNICA

Director: Adriano Nuvunga

Equipa Técnica do CIP: Baltazar Fael; Fátima Mimbire; Lázaro Mabunda; Borges Nhamire; Stélio Bila; Edson Cortez; Jorge Matine; Ben Hur Cavelane; Teles Ribeiro; Nélia Nhacume

Layout & Montagem: Nelton Gemo

Endereço: Bairro da Coop, Rua B, Número 79,
Maputo - Moçambique

Contactos: Fax: 00 258 21 41 66 25, Tel: 00 258 21
41 66 16, Cel: (+258) 82 301 6391,

E-mail: cip@cip.org.mz

Website: <http://www.cip.org.mz>

Parceiros



Parceiro
de assuntos
de género:

